

## O conflito marítimo não deve quebrar a união dos trabalhadores

A luta travada entre o pessoal menor e os oficiais da marinha mercante assumiu nos últimos dias um aspecto bastante grave. A pesar de inúmeras reuniões realizadas para conseguir-se uma entente o conflito mantém-se no mesmo pé, porque as classes desavistadas mantêm os seus pontos de vista.

Qual das duas classes está senhora da razão? Já o dissemos: tratando-se de duas corporações de trabalhadores — é bom que se saiba que os oficiais também são trabalhadores — não é assisido vir tercer armas em defesa de uma classe por muita razão que lhe assista. E não, tercemos armas porque o pessoal menor e oficiais se desviaram um pouco do verdadeiro terreno — do terreno de onde nunca deviam ter saído. E porquê? Vamos explicá-lo.

O conflito marítimo teve origem no facto de o capitão do vapor "Sines" ter participado na Capitania uma ocorrência de bordo. Em face da participação a Capitania procedeu rigorosamente contra a equipagem do "Sines". O Sindicato dos Fogueiros resolveu então boicotar o capitão referido: nenhum fogueiro embarcaria com o comandante que foi daquele barco carvoeiro.

Por sua vez a Liga dos Oficiais da Marinha Mercante resolveu boicotar o pessoal que pertenceu ao "Sines". Estava, como se vê, aberto um grave conflito que durou poucos dias em virtude de ambos os organismos a que se faz referência terem revogado as suas resoluções.

Porque se mantém de pé, então, o conflito? Porque a Liga dos Oficiais, a pretexto do incidente do "Sines", resolveu reivindicar para os oficiais o direito de escolher a equipagem dos navios que comandassem resolução que decerto modo foi contra o princípio estabelecido, e há muitos anos, nos sindicatos marítimos de que os embarques serão feitos por escala elaborada pelo organismo sindical de especialidade.

Logo, a Liga dos Oficiais ferindo uma velha regalia das classes marítimas, e uma regalia que dava aos respectivos sindicatos uma certa hegemonia, colocou-se numa situação que mereceu bastantes reparos.

E nestes termos que se encontra o conflito com tendência a agravar-se porque dê a aproveitam os armadores — aqueles armadores que há alguns anos esperava dar o golpe de morte à organização marítima.

E exactamente porque a Liga dos Oficiais continua a fornecer a esses cavalheiros um admirável enjeu para triunfarem nos seus torvos designios é que a atitude dos oficiais se torna pouco simpática e digna de alguns comentários.

Para que esta grave questão possa ter um termo de harmonia com os interesses das duas classes litigantes parece-nos que há uma fórmula que põe ponto final no assunto: é as escalas de embarque serem feitas de comum acordo entre oficiais e pessoal menor e sob os auspícios dos respectivos sindicatos.

Acete este princípio terminar-se-ia com este conflito, e terminar-se-ia com o triste espetáculo de duas classes produtoras estarem a degladiar-se ingloriosamente.

## Informações da A. I. T. Pelo dia de seis horas de trabalho

A propaganda pelo dia de seis horas de trabalho prossegue no México. A imprensa burguesa, os trabalhistas aventureros e os socialistas de Calles esforçam-se por convencer os trabalhadores de que a sua reivindicação é injusta e afastará o capital estrangeiro. A C. G. T. não se deixa iludir com as teorias económicas do capitalismo e reprende o tal socialismo científico para prosseguir valorosamente na luta. Em 22 de Fevereiro último declarou-se uma greve geral no distrito federal, como a primeira manifestação pública da decidida vontade de manter a luta pela redução da duração de trabalho. Os nossos camaradas mexicanos apelam ao operariado dos outros países para que secunde o movimento, arrancando a única solução racional à crise em que se debate o capitalismo mundial, há muitos anos: uma solução que aliviaria durante um período muito longo a dura situação do trabalhador.

## Conflito numa fábrica

LILLE, 11. — Produziu-se um incidente numa fábrica de tabacos. Uma operária foi nomeada para assumir um lugar na recepção de cigarros, mas os operários queriam que esse lugar fosse ocupado por um dos seus mais antigos camaradas. Como protesto, cessaram o trabalho durante longas horas. Em face deste incidente, foi infligida a todo o pessoal uma suspensão de três dias.

## O BOLO DOS TABACOS

## A liberdade de indústria é um monopólio disfarçado

Na propaganda feita para o estabelecimento da liberdade de indústria, que traz encoberto o monopólio enfreado à actual Companhia, a grande imprensa, para salientar as vantagens da administração particular, e pôr em destaque as suas virtudes, que já ontém enumerámos, como seja a desorganização da indústria, a falsificação do produto, o roubo aos consumidores e a miséria dos produtores, ataca a administração do Estado, envolvendo por consequência nesse ataque todos os que ao mesmo Estado prestam serviços, quer sejam burriscas, quer sejam operários. Para essa imprensa, a sólida da finança, que tem levado o país à ruína, os pobres proletários servidores do Estado é que têm sido os principais causadores desse flagelo administrativo.

É sempre que se trate de uma indústria de reconhecida produção lucrativa, já demonstrada por longos anos de laboração, com um pessoal devidamente adastrado, em que os capitais vejam a mais sólida e rendosa aplicação, a luta para a sua posse há de naturalmente atingir a maior culminância. E para se conseguir esse objectivo um dos melhores factores de propaganda é a imprensa.

Os capitais associam-se para se apossar de todos os progressos da ciência e da civilização em seu exclusivo benefício e contra os interesses da colectividade. A imprensa, admirável instrumento de propaganda e de publicidade, está quase inteiramente nas mãos dos financeiros e dos agentes de negócios, e sob este aspecto forma-se um dos maiores flagelos da sociedade. Balzac já dizia: "O que mostra a que grau de abjecção desce a sociedade do nosso tempo, é que o jornalismo contemporâneo serve o seu interesse em pôr em relevo sobretudo o que é infame e o que é inepto".

Estes órgãos de propaganda, quanto maior for a sua expansão, tanto mais novicos se tornam, porque se apropriad da opinião colectiva e a amoldam aos seus interesses. Para esse fim lisonjear a multidão, socorrendo-si dos termos que mais ferem a sua susceptibilidade, embora oculam a mais preversa das intenções. O termo monopólio, desacreditado e odiado mesmo pelas massas, não podia no caso dos capitais, como de resto noutra indústria, merecer qualquer espécie de simpatia. E no entanto é o regime que mais convém e interessa aos potenciados do capital. Mas a imprensa, para o seu conseguinte, faz a propaganda da liberdade de indústria, que muito bem sabe não passar de uma verdadeira mistificação, como já expusemos, porque a grande concentração que treme o desenvolvimento industrial pôe fora do combate todas as pequenas empresas que se abalançam a fazer-lhe concorrência. E a liberdade da indústria dos fósforos é um dos factos mais recentes a demonstrar esta grande verdade. Até hoje ainda não foram montadas novas fábricas, sujeitando-se o público a consumir a avariada mercadoria que lhe fornecem as antigas fábricas da Companhia.

Só aos velhos operários da "régie" é concedida uma miserável reforma de cinco escudos e o preço do trabalho de emprego é aumentado. A grande maioria — os chamados extraordinários — têm um cofre de reformas custeado pelas suas cotas e o preço de trabalho de empregada tem para elas uma desvalorização de 40 por cento.

E por isso que, nas suas entrelinhias, dá-nos a compreender que, para não se manter as causas, destruindo só os efeitos, deviam ser julgados e punidos com degrau de africano — os António José de Almeida, os António Maria da Silva e mais quantos Antónios da propaganda e imperialismo republicanos espalharam por esse mundo, para elas suas "ideias"... explosivas... as suas dinâmicas destruidoras de fábricas.

Os leitores estão bem ao alcance desse embrião enumerado. Conheçam-lhe bem as intenções...

Toda a gente sabe que o Estado democrático... nunca foi democrático senão no sentido inverso para os trabalhadores. Todo o mundo está suficientemente conhecedor de que o partido "democrático", avassalado por reactionários confessos vindos da adesivagem monárquica, só tem sido verdadeiramente democrático, dando-lhe progressivamente todas as facilidades de expansão jesuítica, para o clericalismo, com o qual se vai fundindo num excente união costela. Ninguém ignora que as causas determinantes dos efeitos de desespero de revolta, de alucinação, veem das extorsões, da miséria, do sofrimento, da escravidão impostos brutalmente pelos políticos de todas as nuances, pelos religiosos vivedores das crenças alheias, numa palavra: por toda a engrenagem capitalista e estatal... igualmente ninguém ainda se esqueceu, a não ser os tradicionais arrivistas, que as ideias de emancipação humana, de fraternidade universal alicerçada na reciprocidade do trabalho e no seu usofruto mútuo, não são conclusões bombásticas das premissas estabelecidas, mas sim as perseguições, movidas por todos os reactionários defensores do actual estado de coisas, aos que sentidamente alimentam teorias de renovação social — é que originam as tais premissas inquietantes que armam a mão do vilipendio, do esfomeado, do oprimido em todos os sentidos...

Nós sabemos porque é que se desvirtuam os factos. E' para se dizer que "se a Nação estivesse protegida por um Estado forte e justo", e "se a desordem social fôsse pacificada por um Estado cristão, o crime seria menor e quando o houvesse, a sentença criminale punitiva...

Não achando suficientemente cristianizado, ajuizada, "locateliado", reaccionarizado o Estado português — pretendem um Estado de outrora, um Estado de fogachos, de fogareiros, de cruzadás invasões, de massacres "crisânto-novados", de arcazeiros e incendiários esbirros de Santo Ofício... como meios radicais de pacificação cristã de redução de crimes.

Quanto à sentença cristã punitiva, ela, no Estado cristão, encontra-se no cavalo, no borzeguim, na rocha, no entapamento, nas tenazes em braço, na foice, na enfarrapelado do sambenito que acredita o sentenciado a morrer contorcidamente incinerado vivo nas fulvas auroras dos autos-de-fé...

E' para a implantação d'este... Estado cristão que ultimamente se tem distribuído, as portas das igrejas, centenas de manifesterios calórico-realistas e, até, de cima da torre da Lapa, espalhado reclames religiosos de propaganda clerical — como quem evita o vento reclames de bolacha da Invicta...

## O escândalo das notas falsas húngaras

BUDAPEST, 10. — Foi encarregado de presidir aos debates do processo relativamente as notas falsas francesas e juiz Torky. O julgamento deve realizar-se nos primeiros dias do mês de Maio, contando-se que assistam jornalistas de todos os países. — H.

PEQUIM, 10. — Os nacionalistas deram um golpe de estado. O presidente Tuan Chi Jiu refugiou-se na Legação de França. A proclamação diz que se cometem muitos erros depois que o presidente Tuan Chi Jiu subiu ao poder. Os nacionalistas telegrafaram ao general Ou Pei Fou para que Pequim assumisse a direcção dos negócios.

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

## Um golpe de estado na China

PEQUIM, 10. — Os nacionalistas deram um golpe de estado. O presidente Tuan Chi Jiu refugiou-se na Legação de França.

A proclamação diz que se cometem muitos erros depois que o presidente Tuan Chi Jiu subiu ao poder. Os nacionalistas telegrafaram ao general Ou Pei Fou para que Pequim assumisse a direcção dos negócios. — H.

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Os efeitos do futebol na sociedade portuguesa, por Vitorino Pais.

O que todos devem saber... com gravuras, Chico, Zecas & C. (com gravuras).

Liga, relativamente ao conflito actualmente existente, no sentido do convenientemente solucionar para o presente e para o futuro todas as questões litigiosas que frequentemente têm dado em matéria de matrícula do pessoal.

A proposta apresentada resume-se simplesmente no seguinte:

Estabelecer nas Capitanias um sistema de inscrição do pessoal menor desembarcado e a desembarcar para facilitar aos capitães a escolha do pessoal a matricular.

A Comissão aproveitou o ensejo para dizer que a notícia ainda ontem nos jornais sobre as resoluções da assembleia geral da Liga dos Oficiais da Marinha Mercante não corresponde correctamente às intenções da mesma Liga, pois apenas quis fazer uma proposta ao ministro da Marinha, sem qualquer carácter determinativo, como se pode depreender daquela notícia.

O ministro respondeu que tem o maior desejo de que o conflito actualmente existente se solucione com brevidade.

Em vista das razões expostas e dos factos ocorridos, hoje mesmo lhe ordenam o seguinte: 1.º Elaboração de listas para escolha de pessoal para embarque; 2.º En quanto houver pessoal inscrito em número muito superior como actualmente existe para as necessidades actuais da Marinha Mercante, não passar cédulas novas de inscrição marítima.

## A EXILADA

Na protagonista desta peça, em cena na Trindade, Lucília Simões, dentro do seu temperamento e dos seus processos artísticos, provoca fofas as noites e entusiasmo do público enlevado pela exuberância de nervos da consagrada artista.

**A população da Marinha Grande continua sendo ludibriada pelos mandões da Câmara Municipal**

A ser certo o que dizem os mecânicos sobre o estado dos motores, imaginem os leitores se não é digno de empareitar também na categoria dos vigários o facto que se está dando com a montagem da luz eléctrica, nesta terra.

As querem-nos, a-pesar-da gravidade da questão, julgar-lá, todavia, que somos pessimistas e que apresentamos a questão com tintas em pouco carregadas.

Nada disso acontece.

Se nós gostasséssemos de lançar mão, de todos os casos que diariamente se estão dando faríamos um folhetim, que acabaria por encorajar o leitor.

Mas vamos lá a este caso célebre: Aqui é uma terra onde meia dúzia de audaciosos, mandam a belo talante.

De tudo e por tudo fazem questão.

Ora acontece que por vezes surgem indivíduos que não estão pelos ajustes. Então os grandes homens, sem uma hesitação, forjam o plano que o aniquilará. Assim tem acontecido.

E então com o campo livre, ei-los, como Neros triunfando, exercendo representações, manchando e deturpando intenções, bolas, cheias de pureza.

Não admitem que algo se faça, sem que na sua frente vejam curvado, humilhado numa situação de inferioridade, a individualidade que pretende fazer a inovação. Fazem mais ainda: Negociam com a boca fechada os indivíduos, que as circunstâncias ou o acaso lhes colocaram no caminho.

E senão veja-se o caso dos recibos, que o sr. José Neto assinava crente de que fossem autênticos.

Só pois tocas estas séries de escândalos, de negócios escuros, em que toma parte a camarilha conhecida, que nos levam a falar-las desta maneira.

Já foi um erro de tática ou é se ter comprado uma máquina de vapor, pois que estamos cientes a luz ficaria por um preço mais acessível.

Não se fez isso porque provavelmente os negociadores não toparam com nenhuma máquina em segunda mão, que se viesse impingir como nova e à sombra da qual se pudesse lucrar alguma coisa.

Trouxeram-se motores a óleo pesado, para uma terra que está cercada de pinhal por todos os lados.

Havia ainda a circunstância de as Matas Nacionais darem algumas centenas de esteras de lenha, mediante a alimentação gratuita de 200 lâmpadas, da rede pertencentes à mesma.

Não se tomou nenhuma destas circunstâncias em consideração, e adquiriram-se máquinas que, segundo os mesmos mecânicos, nem têm chapa da proveniência.

Como vê o leitor, isto é tudo quanto há de mais aribitrial e áereo.

Os homens que trataram da aquisição dos motores ao impingem como novo aquilo que é usado não são de todo paryos.

Sabiam que Marinha Grande tinha uma população passiva e ordeira, que enguiaria sem sacrifício a infame «bucha». E então não hesitaram. Demais os motores, com os retoques do conserto, não seriam muito fáceis de descobrir como sendo usados.

Os mestreiros que a casa instaladora tinha já na sua casa, e se calhar com destino a qualquer fundição para serem derretidos, foram finalmente embalados, como novinhos, muito embora seja o contrário.

Claro que isto são hipóteses nossas, mas que não estarão de todo fora da ordem natural das coisas.

Os directores da casa, ante este alívio, pegaram numas «luvinhas» e enfiaram-nas nas mãos, que tinham sancionado o encantador embrioglio.

Como as luvas ficassem a matar os veteranos armaram então em defensores, calmamente as consciências impolutas, que têm reclamado luz no assunto.

O povo, essa escumalha vil, que se cale, caso contrário suceder-lhe-há o mesmo que a tantos outros que têm usado erguer a voz contra a câmara e seus apaguidos. E nestas condições Marinha Grande, em peso, abafa sob o lardo de tanta canalhice, de anta infâimia!

Homens sedentos de vingança, a transbordar de ódio e paixão, têm feito desta terra uma verdadeira caverna, na qual se têm de humilhar todos os recalcitrantes.

Que os motores sejam novos ou velhos, que alguém ganhasse [com a sua introdução, a ninguém] é dado discutir o assunto.

Eles só têm o direito legítimo e absoluto de negociar com tudo, de empurrar todos os avanços e progressos desta terra!

Contudo, nós, do alto desta tribuna, limpida de cambões de qualquer espécie, não afrouxaremos no combate, reclamando justiça, pedindo esclarecimentos, que a sempre negados, nos darão o direito de gritar com todas as veras da nossa alma: Basta de tanta bandalheira.

Iesus dos SANTOS

## CARTA DE COIMBRA

Os moscovíticos afirmam a sua coerência arremessando um operário para a cadeia, fazendo-o depois sentar no banco dos réus

COÍMBRA, 9. — Não tem sido só em Lisboa que os partidários de Moscovia têm lançado a venenosa semente de desgregação no meio sindical revolucionário. Aqui, nesta cidade, também a sua nefasta ação se tem feito sentir a dentro da jangada combalida organização operária, fazendo do Sindicato Único da Construção Civil seu baluarte e transformando-o numa autêntica secção do partido comunista. Tão bem se têm havido os dirigentes daquele Sindicato, Gaudêncio Cardoso & C. — no seu trabalho de sapo, que num pequeno espaço de tempo foram escandalizando os sindicatos, inclusive o da Construção Civil, pois é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de Outubro terem procurado na sua prisão, para cobardemente o assassinar, Atirão nos orelhas, Lata, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em plena noite, o Caiado do Sodré, a tiros de Sayage o sr. Fernando de Sousa. Esse facto é público e notório e do ódio que é ele acarretou para o seu autor. Fala a circunstância de no dia 19 de



# A BATALHA

DOUTRINAS POLÍTICO-SOCIAIS

## "O SINDICALISMO"

(Conferência pelo nosso camarada Manuel Gonçalves Vidal, em 6 do corrente, na Universidade Popular Portuguesa)

### Meios de luta

Os meios principais de acção consistem na greve, no boicote e na sabotagem.

A greve não é simplesmente o abandono de trabalho. A greve constitui para o operário consciente um período intensíssimo de ação. Ela não só votada com o fim de obrigar o patronato a ceder a qualquer reclamação de interesse particular de classe, pelo prejuízo inherent à paralisação, como ainda pode ser de protesto e de solidariedade.

A greve, além de atender ao seu fim directo, especial tem o condão de desenvolver o espírito de luta e de sacrifício indispensável para fecundar na consciência proletária um ideal social mais alto e mais belo. E, porém, uma arma que tem graves inconvenientes e não deve ser usada em demasia.

O uso excessivo da greve leva o patronato à resistência e quando aquela não possa revestir um carácter bem energético, o que é difícil atendendo às forças armadas de que este dispõe, os operários arriscam-se a perder porque os seus recursos não suprem por longo tempo a falta de trabalho. Além disso o patronato quando a paralisação lhe fere fundo os interesses esconde-se na liberdade de trabalho, de que resulta a mais profunda traição à greve. E se a violência dos mais activos se faz sentir sobre os amarelhos, a-pesar-de ser uma coacção, ela justifica-se não só porque do lado oposto há sempre lórgas estranhas ao movimento mas ainda porque essa violência se exerce em beneficio comum.

Das reclamações de uma classe beneficiam todos os seus componentes, por conseguinte aqueles que violentam os outros não o fazem simplesmente para servir os seus interesses mas ainda os dos próprios opositores. Poder-se-há objectar que nenhuma tem o direito de reivindicar para outro aquilo que ele mesmo não quer; todavia se o não quer é apenas por uma questão de inconsciência, por falta de noção dos direitos gerais, discutíveis, sem dúvida, mas no legítimo terreno da apreciação do debate e resolução — O Sindicato — onde não aparecem para dizer se estão ou não conformes. A minoria procede segundo a sua vontade, é certo, mas no interesse geral e ninguém dirá que dessa acção não beneficiam todos.

Também se não pode confundir a greve com uma ditadura, embora com extensão limitada a uma indústria ou ofício. De forma nenhuma. A greve é votada com o conhecimento de todos os interessados e se é certo que os que não comparecem delegam compreendendo-se que, ou concordam com ela e tacitamente aprovam, ou se desinteressam e não se manifestam, por falta de vontade, a favor ou contra. Nessa condição em nome de que-principio ou de que direito se podem opor à greve? No primeiro caso serão traidores e como tal devem ser tratados, em beneficio da sua própria integridade individual e da sua colectividade. No segundo não pode ter valor uma força, nem pode ser atendida, desde que se manifesta inopportunamente. De resto, as leis de evolução e movimento não podem atender à inércia dos indiferentes. Se todo o movimento resulta da combinação de forças, aqueles os indiferentes, não podem ser tomados em conta na ação sindical, seja esta qual for, porque são uma força morta ou um valor nulo e por consequência desrespeitável. Logo ficam apenas os que querem e os que não querem mas que se manifestam. Mas se a greve é votada pela maioria da assembleia bem como lôdas das outras decisões (dado que haja discordância) nunca ela poderá ser considerada uma ditadura. Se o fôsse em todo o mundo haveria ditadura, excepto no campo da subsistência inerte. O que existe é apenas um processo democrático no "modus faciens" o que não pode deixar de ser.

A greve pode ser reforçada com a sabotagem. O organismo central coordenador nacionalmente é a Confederação Geral do Trabalho e é formado pelas federações de indústria e Unões de Sindicatos, sem o que não seria possível o encontro natural e indispensável equilíbrio dos dois fenômenos principais das leis económicas.

Assim como no terreno nacional é necessária a existência de uma central que coordene a ação de todos os trabalhadores, também internacionalmente é preciso a existência de um outro organismo que ligue além do interesse das duas partes próximas — empresa e pessoal — sofre com isso! — dirá. Tire, porém, a colectividade a empresa do ponto de intercepção e ver-se-há que a colectividade não sofre o choque porque cessará a causa do embate. Na maior parte dos casos sucede que quando o pessoal não tem sabotado máquinas, ferramentas, locomotivas etc., são estas sabotadas pelas avaria que o mau uso de aliciados extranhas vai causar.

Estas duas armas são empregadas em favor da paralisação do trabalho. O boicote, porém, é de natureza diferente. Consiste na abstenção de compra ou fornecimento de qualquer artigo ou artigos de determinada empresa manufactureira em qualquer parte que os produtos se encontrem; povoação, país ou vários países, ou ainda em todos os artigos de várias procedências em determinada ou determinadas casas comerciais, conforme se pretende atingir a empresa comercial ou industrial.

Além disso o boicote também pode consistir na recusa dos operários trabalharem em qualquer ou quaisquer casas. E foi num caso desta natureza que ele teve a sua origem, na Irlanda, entre os trabalhadores dum latifúndio e um capitão que os administrava chamado Boicot.

Para a eficiência do boicote, que não traz um interesse tão directo e imediato como a greve, porque dele não participa, muitas vezes, uma só classe, é indispensável uma solidariedade muito elevada e por isso o boicote não sendo um acto tão revolucionário, é contudo um processo de luta muito nobre e de maior efeito moral.

Pela extensão do boicote se avalia o grau de solidariedade e a cultura social dum povo.

**Estrutura da organização sindical**

O organismo onde se agrupam corporativamente os trabalhadores é o sindicato;

## A greve de Lourenço Marques

### O protesto operário

PORTO, 10.—Realizou-se, com grande concorrência, na sede do Sindicato Único do Vestuário desta cidade, uma reunião de protesto contra as atrocidades praticadas pelo Alto Comissário de Moçambique contra os ferroviários de Lourenço Marques e contra a extração de Paulo da Silva. Presidiu a nossa camarada Margarida Peixoto Barros, secretariada por Francisco Bento Novais e Artur de Oliveira Cardoso.

Usaram da palavra vários oradores que verberaram indignadamente as atrocidades praticadas em Lourenço Marques e contra a extração de Paulo da Silva.

No final foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

- 1º. Protestar contra todas as violências de que têm sido vítimas os ferroviários de Lourenço Marques e suas famílias, por parte do Alto Comissário de Moçambique;
- 2º. Dar conhecimento deste protesto ao ministro das colónias;

- 3º. Reclamar a imediata demissão do Alto Comissário de Moçambique e a readmissão de todos os grevistas demitidos.

- 4º. Dar toda a solidariedade moral aos grevistas de Lourenço Marques.

Foi também resolvido protestar contra a extração de Paulo da Silva.

## As resoluções da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa

O Conselho Geral da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, em reunião de 9 do corrente, depois de verberar o procedimento infame do Alto Comissário de Moçambique, aprovou a seguinte moção:

"Considerando que há longos meses, pelo Alto Comissário de Moçambique, vem sendo movida à classe ferroviária de Lourenço Marques uma acintosa perseguição,

no sentido de destruir todas as regalias conquistadas por aquela classe sujeitando-a a um novo regulamento que coloca os seus componentes na vexatória condição de escravos obedientes;

que tais prepotências são de molde a meter a repulsa de todos os indivíduos bem formados e os protestos da organização operária;

O Conselho Geral da C. S. T. de Lisboa resolve:

- 1º. Endereçar ao ministro das Colónias os protestos desta Câmara contra as violências cometidas e reclamar a revogação das medidas que ocasionaram esse movimento e a reintegração de todo o pessoal nos seus lugares, incluindo os que se encontram deportados na Metrópole.

2º. Que todos os organismos aderentes à Câmara em suas reuniões administrativas e assembleias gerais façam votar documentos de harmonia com o espírito desta moção, dando dêles conhecimento ao respectivo ministro das Colónias.

3º. Manifestar publicamente aos camara-ferroviários a nossa inteira solidariedade para com o seu movimento.

## SOLIDARIEDADE

### Pró-José da Costa

Por motivos imprevistos fica adiada para quando se anunciar a festa que se devia realizar ontem, na Academia Recreativa de Linda-a-Velha, em auxílio de Filipe José da Costa.

### Pró-José Filipe

Realiza-se amanhã, no Salão de Festas do Sindicato da Construção Civil, uma grande festa, promovida por uma comissão de amigos, em favor do camarada José Filipe que se encontra preso no Norte do Monsanto.

O programa da festa, que principia às 21 horas, consta do seguinte: exibição da célebre de Manuel Soares, "Patologias Sociais e Alcool e a Sifilis"; canção social por José Júlio e Estanislau Cardoso; entreacto social de Abel de Araújo, "Os Forçados"; canção social por Vitorino Luís e José Araújo; exibição da célebra de Manuel Soares, "O valor do fado", canção social por Armando Tavares, Albino Alves e José de Oliveira.

Os poucos bilhetes que restam podem ser procurados à porta do Sajão onde se encontra um membro da comissão organizadora da festa.

## Os profissionais de imprensa defendem-se de uma afronta

A assembleia geral do Sindicato dos Profissionais da Imprensa apreciando o decreto n.º 11.563 que concede a carteira de profissional de Imprensa a profissionais e amadores do jornalismo, resolvem manter-se em sessão permanente e convocar a classe para uma reunião magna que se realiza de amanhã. Deliberou ainda telegrafar ao chefe de Estado e ao sr. Cunha Leal, manifestando ao primeiro o seu desagrado pela assinatura do citado decreto e solicitando ao segundo que mantenha o projeto de lei apresentado na Câmara dos Deputados.

Mas não é só esse o fim da Internacional Operária. Forçoso é dizer que o egoísmo de certas classes e sua falta de consciência colectiva as não deixa perceber, nalguns transes, que determinados interesses corporativos são antagonicos e prejudiciais aos interesses gerais dum país.

As reclamações que algumas corporações fazem aos governos tendentes à aplicação de certas pautas aduaneiras se vêm por um lado evitar as crises que a concorrência de produtos de outras procedências poderia produzir, vêm, por outro, encarecer as respectivas manufaturas. E, como a burguesia industrial no seu rotineiro tem, apesar, em vista um lucro estável e garantido, sem grande empreendimento e risco de capital, pouco se preocupando com o desenvolvimento dos meios reais de competência, sucede que o mal recai, sómente, sobre os operários das indústrias aparentemente menos protegidos por uma tal espécie de privilégio. E digo aparentemente porque a paridade entre as diversas classes de trabalhadores, embora um pouco mutuante, determinada pelas leis da oficina e da produção, faz incidir, por efeito reflexo, o mal dumas sobre as outras até chegar aquelas

que se sentiam momentaneamente beneficiadas pelas pautas alfandegárias.

Teimar, por consequência, em assegurar artificiais a vida de certas indústrias é permitir a manutenção dum parasitismo inútil e prejudicial o que só pode tolerar numa sociedade como a presente em que a terminação de qualquer indústria porá à mercê da fome todos os trabalhadores que dela vivem. De contrário num socialismo baseado no socialismo, os amplos meios de circulação e de permute devem permitir que cada país e cada região realizem um trabalho mais proveitoso e harmônico com os recursos locais. Assim a International dos Trabalhadores deve intervir necessariamente em todas as questões referentes ao rendimento geral da produção e às necessidades de consumo. Disse

António Maria da Silva acaba de afrontar os jornalistas com um odioso decreto.



## CONTRA A EXTRADIÇÃO DE PAULO DA SILVA

O Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa vem de enviar ao ministro da Justiça do governo francês, e ao ministro da França em Portugal, o seguinte ofício de protesto contra a pretendida extração do operário Paulo da Silva:

"Monsieur le Ministre de la Justice, Paris. Excellence: Le Syndicat des Employés dans le Commerce et l'Industrie de Lisbonne, pénétré de l'esprit de solidarité qui doit ennoblir et exhausser les hommes et étroitement et intimement lier toutes les victimes de la bourgeoisie, a décidé, dans sa séance ordinaire, de vous envoyer, monsieur, sa protestation la plus véhément et énergique contre l'injustice que l'on prétend pratiquer en livrant aux autorités portugaises le soi-disant criminel, le camarade Paulo da Silva; le crime politique ou social dont on l'accuse n'étant, de reste, pas du tout prouvé.

Sous l'aspect juridique, l'extradition projetée est une violation du droit des gens; sous le rapport de la morale sociale, elle est un monstruosité.

Ce syndicat (il va sans dire) ne borne

mallement son action, monsieur, à cette

protestation dont il ne veut pas retarder

l'envio devant votre excellence, monsieur le

Ministre. Il faut que les autorités fran-

çaises sachent que le prolétariat portugais

veille et agit; quoique c'est à la bourgeoisie,

qui élle fabrique et qu'elle, très remarquable, publie avec tant de facilité s'il

s'agit de poursuivre les ouvriers qui la font

vivre et la maintiennent de leur travail. Les travailleurs du monde tout-entier lui feront

comprendre qu'il y a de sa dignité même.

Votre tout clair esprit, monsieur le Mi-

nistre de la Justice, comprend, à merveille,

que le bon nom de la France, devant les

droits de l'Humanité, exige que la loi interna-

tionale soit respectée et que le crime en

vue, l'infamie décidée ne soient nullement

mis en pratique.

Nous l'espérons.

Veuillez agréer, monsieur, l'assurance de

notre considération la plus distinguée. Sin-

dicato dos Empregados no Comércio e In-

dústria de Lisboa. Le Secrétaire Général,

(a) Mário Pinto.

### Um protesto da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa

Como noutra lugar referimos, o Con-

selho Geral da Câmara Sindical do Trabalho

de Lisboa, em sua reunião de 9 do corrente,

ocupou-se da pretendida extração de

Paulo da Silva, tendo aprovado a seguinte

moção:

"Considerando que em virtude das per-

seguições policiais se encontra homiziado

em França o camarada Paulo da Silva, com

direito por tal facto a gozar dos direitos

de asilo, já usufruídos pelos refugiados po-

líticos;

Considerando que as autoridades, fal-

seando este direito, pretendem a repatria-

ção de Paulo da Silva para o fazer expiar um hipotético delito, o conselho geral da

C. S. T. resolve:

- 1º. Manifestar ao ministro da França,

em Lisboa; os protestos desta Câmara con-

tra a tentativa de extração deste camarada,

por parte das autoridades portuguesas

na sua favor;

2º. Convocar os organismos aderentes a

manifestarem-se, neste sentido, enviando

os seus protestos ao respectivo ministro

de asilo;

3º. Manifestar publicamente aos camara-

ferroviários a nossa inteira solidariedade

para com o seu movimento.

### Litógrafos e Anexos

Em assembleia geral da Associação dos Litógrafos e Anexos foi aprovado um veemente protesto contra a extração de Paulo da Silva, militante das classes marítimas, e resolvido